

Educação cigana: entre-lugares entre escola e comunidade étnica

Sílvia Régia Simões*

Resumo

O presente trabalho pretende evidenciar percepções e interpretações resultantes da elaboração da pesquisa “Educação cigana: entre-lugares entre escola e comunidade étnica” realizada no ano de 2006/2007. A pesquisa desenvolveu-se a partir do seguinte objetivo: analisar as ideias de educação representadas pela comunidade cigana Rom, residente no município de Palhoça - SC, Brasil, e que valores atribuem à escola formal e à comunidade étnica. O trabalho pretende também demonstrar a necessidade de novas pesquisas a partir da constatação da complexidade que envolve os sujeitos em questão e da pouca bibliografia existente.

Palavras-chave: Ciganos. História. Educação. Escola formal. Comunidade étnica.

Introdução

O povo cigano é identificado na história a partir do século III a.C. Existem sinais que localizam sua origem no norte da Índia, mais exatamente na região do Punjab, onde hoje se encontra o Paquistão. Supostamente vindos da Índia, os ciganos, a partir do século XII, dividiram-se em dois ramos: o asiático (ciganos da Palestina) e o europeu (Pérsia e Armênia), vindo posteriormente a se espalhar por toda Europa. As primeiras evidências de ciganos na Pré-História foram encontradas em alguns manuscritos persas. A Pérsia, portanto, será o lugar de onde eles sairão a princípio em direção a Constantinopla e, de-

* Graduada em Serviço Social, mestre em Educação, doutoranda em Ciências da Linguagem, integrante do Núcleo Mover de Educação Intercultural e Movimentos Sociais/CED/Universidade Federal de Santa Catarina. Contato: sregiasimoes@terra.com.br

Recebido: 12/06/2010 – Aprovado: 18/10/2010

pois, à Armênia. A continuidade desses deslocamentos, a relação com outras sociedades, vai exigir que os ciganos desenvolvam algumas estratégias.

Para garantir sua sobrevivência, uma das estratégias que eles adotarão será a aprendizagem de idiomas. Esse recurso, além de lhes possibilitar se comunicarem, também lhes dará acesso aos elementos que faziam parte das outras culturas. Esse mecanismo, no entanto, fará com que, à medida que os ciganos irão se relacionar com as distintas culturas, não só eles as conhecerão como também serão influenciados por elas. Nesse entrelaçamento as assimilações que irão fazer, particularmente das expressões religiosas cristãs, possibilitarão que, a partir do ano de 1417, eles se autoproclamem peregrinos e penitentes. Esse fato irá contribuir para que eles recebam enormes benefícios, tanto de autoridades quanto da população.

Em 1430 partirão em direção ao Leste Europeu. Nessa região será em vão a tentativa que os ciganos farão de continuar recebendo os mesmos favores através da “velha estória”. A sobrevivência será um desafio constante em face das dificuldades encontradas. Nos séculos XV e XVI, os ciganos ampliarão suas migrações em direção à Europa Central. Eles começarão a ser percebidos pela população por seu aspecto exótico. Também irão se evidenciar por suas habilidades artesanais e pelas artes. Esses aspectos, no entanto, não serão suficientes para livrá-los das perseguições, das discriminações e das expulsões que viriam a seguir. Será a partir daí que terão início inúmeros processos de

assimilação, que, quando infrutíferos, culminarão em medidas mais austeras, arbitrárias e cruéis.

No século XIX, teria início a Revolução Industrial. Surgida na Inglaterra, a partir da idealização de uma nova concepção de desenvolvimento econômico, irá causar profundas transformações sociais. Essas transformações imporiam aos grupos ciganos uma série de desafios. Era necessário rever estratégias, reelaborá-las ou abrir mão da própria cultura e se deixar influenciar pelo novo modelo.

Desistir da própria cultura seria desconsiderar, e desconstruir, toda uma história de lutas e enfrentamentos de seus antepassados. Seria virar as costas para a ancestralidade. Novas estratégias foram elaboradas. Os ciganos, permanecendo fiéis às suas tradições, embrenhar-se-iam pelos confins, pelas vilas e povoados, oferecendo seus serviços. Nesse contexto, além de serem ambulantes, irão se converter em verdadeiros arautos. Eram eles que, pela dificuldade de comunicação da época, transmitiam as principais informações e “fofocas” da corte. Nesse mesmo período, nos anos de 1828 a 1834, teriam início algumas mudanças na escravidão europeia, das quais muito ciganos-escravos irão se beneficiar.

Na metade do século XIX, os grupos ciganos reiniciarão um amplo fluxo migratório. A Revolução Industrial estava disseminada e a forma de vida dos ciganos não condizia com os novos padrões. Muitos programas visando assimilá-los foram elaborados, vindo posteriormente a fracassar. Os sentimentos de rejeição

por eles só cresciam. Reeditaram-se as perseguições, castigos, expulsões e mortes. No mesmo período, iniciou-se o antissemitismo, com o que os ciganos passaram a ser comparados com os judeus. Esse processo culminaria com o massacre e extermínio de milhares de ciganos nos campos de concentração nazistas.

O final da Segunda Guerra mundial vai encontrá-los espalhados por toda Europa. Nas décadas de 1950 e 1970, eles reiniciarão outro fluxo migratório. Desta vez o uso de dialetos se tornaria um forte obstáculo. Com o fim da guerra, também surgiria o regime comunista em parte da Europa. O comunismo avançaria em relação ao reconhecimento e proteção da minoria cigana. Nesse sentido, o que iria se configurar no maior desafio seria a educação. Os elementos dificultadores eram: o nomadismo, o déficit de conteúdo, a assiduidade e as relações de conflito e desconfiança com a população.

Em 1977, a Comissão de Direitos Humanos das Nações Unidas passaria a dar mais atenção à causa cigana. Em virtude do numeroso contingente de grupos ciganos vivendo em seus países, a União Europeia implementará diversas ações visando beneficiar os ciganos, sendo a principal inseri-los na escola. No Leste Europeu, com o fim do regime comunista, os ciganos novamente se veriam alvo de perseguições, tanto da polícia quanto da população. Somente em 1994 é que a União Europeia declararia os ciganos como uma das suas mais significativas minorias étnicas. Atualmente, a Europa possui em alguns países legislações específicas para os ciganos e

inúmeras entidades que atuam em defesa de sua causa. As principais reivindicações desses grupos são documentação civil de identificação, habitação, saúde e educação. Além disso exigem respeito por suas tradições, bem como o direito de exercê-las.

No continente americano, mais precisamente na América do Sul, a chegada dos ciganos ocorreria, supostamente, quando da terceira viagem de Cristóvão Colombo às Américas. Esses ciganos teriam sido vistos no ano de 1497 na Colômbia.

No Brasil a presença de ciganos seria identificada no ano de 1574. Chegariam na condição de degredados vindos de Portugal que, aproveitando-se da expansão de suas navegações e da necessidade de mão de obra em suas colônias, encontrou no degredo uma forma de se livrar dos ciganos. A vida societária dos ciganos no Brasil era envolta em controvérsias. Ao mesmo tempo em que causavam sentimentos de rejeição e incômodo, desenvolviam funções em cargos públicos e faziam parte de eventos sociais. À medida que aumentaria o número de decretos de expulsão de ciganos de Portugal para o Brasil, outros estados, além do Rio de Janeiro e Bahia, passariam a recebê-los.

A questão de direitos envolvendo as comunidades tradicionais e minorias étnicas do Brasil desde essa época ficou esquecida ou negligenciada. A inatividade política e a falta de iniciativa sempre foram evidentes. Afinal, por se tratar de populações com outro tipo de organização e por ser em sua maioria analfabetos, elas por si só não representariam

nenhum peso político. Nesse sentido, a Constituição Federal brasileira de 1988 apresentaria algumas alterações quanto à garantia de direitos das minorias étnicas. As referidas medidas, entretanto, só iriam contemplar os povos indígenas. Posteriormente, em maio de 1993, a Constituição as ampliaria às demais, dentre elas a cigana.

Em 2004, o Ministério do Meio Ambiente e o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome instituiriam a Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável das Comunidades Tradicionais, da qual os ciganos fazem parte. Em 2006, o Ministério da Cultura também adotaria algumas ações buscando reconhecer e garantir direitos tanto dos ciganos quanto das outras minorias étnicas.

Em relação aos ciganos, os resultados efetivos até o momento foram o lançamento oficial do dia 24 de maio como o dia Nacional do Cigano; o lançamento do selo e carimbo alusivos à data pela Empresa de Correios e Telégrafos (ECT); a instituição de um grupo de trabalho, o GT Cigano, com o objetivo de pensar políticas públicas para os ciganos; a assinatura de um termo de compromisso com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) para o levantamento do patrimônio cultural e imaterial cigano; o lançamento da *Cartilha de Direitos da Cidadania Cigana*; por último, a proposta de produzir materiais informativos sobre programas sociais a que os ciganos têm direito, entre os quais cursos profissionalizantes, estímulo à formação de cooperativas e, especialmente, a implantação de pro-

gramas de alfabetização e escolarização infantil e adulta.

A questão da alfabetização e escolarização dos ciganos tem encontrado ao longo da história desse povo muitos empecilhos, que em parte se devem ao desconhecimento de seus elementos culturais e de sua organização social. Nesse sentido, examinando as práticas e as concepções de uma família cigana que vive em Palhoça - SC, foi possível identificar que os ciganos têm uma organização social, a qual está estruturada a partir da divisão sexual do trabalho, em que competem à mulher os afazeres domésticos e ao homem, prover o sustento material da família. Essa divisão, da forma como está organizada, evidencia uma hierarquia de gênero que na prática não se observa. As transformações sociais quanto ao papel do homem e da mulher nas atuais sociedades desafiam também os ciganos a redefinir esses papéis. Apesar do *status* do homem cigano de “provedor”, a mulher cigana de hoje, como as demais mulheres, tem dupla jornada de trabalho. Além dos cuidados com a família e com a casa, ela também contribui com a renda familiar fazendo vendas a domicílio e lendo a mão (quiromancia).

Quanto às atividades que desenvolvem para garantir seu sustento, observou-se que se restringem basicamente às vendas. Eles vendem objetos de cama, mesa e banho e, em alguns casos, negociam automóveis. As vendas são feitas de forma itinerante pelo interior de Santa Catarina, mesmo pelos ciganos sedentários. No que diz respeito aos ciganos jovens, em relação à divisão de

tarefas, observou-se que a função deles é de cuidados com os irmãos menores, na organização da casa e na confecção dos alimentos.

Observando a rotina dos jovens ciganos, principalmente na ausência dos pais, constata-se que as questões de gênero se iniciam precocemente. O filho homem assume o lugar do pai, momento em que passa a reproduzir a hierarquia de gênero, e a(as) filha(as) mulher(es) continua(m), diante da figura masculina, numa situação de submissão e subserviência. O lugar do homem na cultura cigana é um forte elemento cultural.

Quanto aos principais elementos que compõem essa cultura, na opinião dessa família, são o casamento, o nascimento, as promessas, o idoso, as doenças, a morte, a contaminação, a família, a leitura da mão (quiromancia) e o conselho de anciãos (*kriss*). Pelo exposto percebe-se que a família ainda preserva muitos aspectos de sua tradição, mas que alguns estão se reconfigurando. Isso não significa que eles estejam perdendo sua identidade étnica, mas que estão continuamente a elaborar novas estratégias de sobrevivência.

No âmbito de suas crenças ancestrais, preservam seus ritos e mitos. Entretanto, adequam-se às expressões religiosas das sociedades com as quais se relacionam. No caso da família cigana de Palhoça, os filhos foram batizados na Igreja Católica e frequentam o catecismo.

No plano social apresentam uma organização coletiva diferenciada. O clã e o grupo de pertença são suas princi-

pais referências. A valorização que os ciganos atribuem à família e a forma como eles a vivenciam vão de encontro às atuais teorias de que a família está desaparecendo. Para eles, sua razão de ser está na família; dessa forma, quanto mais numerosa ela for, mais admiração e respeito eles obterão de seu grupo.

Na sua relação com o exterior, não observamos nenhuma insatisfação mais relevante. Esse aspecto pode estar relacionado ao fato de essa família possuir uma situação econômica estável. Entretanto, temos conhecimento por meio de notícias de jornais que existe um número de ciganos nômades, particularmente no Nordeste, vivendo em situação de miséria. Para esse grupo, em termos de perspectivas, o que emerge é que eles gostariam de ser tratados com mais respeito.

A questão da influência das sociedades não ciganas na identidade étnica cigana sempre foi uma grande preocupação dos ciganos. Nesse sentido é que, como forma de resistência, eles elaboraram uma série de mecanismos de defesa. No entanto, percebe-se que existem outros elementos de que, provavelmente, eles ainda não tenham se dado conta que podem ter alguma influência sobre sua cultura, que são as mídias. Identificamos que tanto a família em questão quanto seus parentes, nômades e sedentários possuem aparelhos de televisão. As crianças pequenas são os principais usuários desse tipo de veículo, o qual muitas vezes vai se constituir em babá eletrônica. Já os jovens, dependendo da renda familiar, possuem computadores, com os quais se comuni-

cam com seus pares, mas também com jovens não ciganos. Esse aspecto começa a incomodar a alguns pais na medida em que seus filhos dedicam horas do seu tempo ao acesso à internet, deixando de colaborar com os afazeres domésticos.

Ainda no âmbito familiar, é possível observar o lugar que o idoso ocupa nessa tradição. Nas festas e comemorações observamos o cuidado que tanto as crianças, os jovens e os adultos dedicam aos idosos. Eles também são bastante procurados para dar conselhos e sugestões. A razão disso é que detêm um conjunto de elementos culturais ancestrais que lhes conferem um *status* diferente das sociedades não ciganas.

Na relação tanto da família cigana que vive em Palhoça quanto dos grupos nômades que passam por esse município, identificamos que a transmissão oral da cultura cigana não obedece a nenhum processo formal (hora, dia, mês, local), dando-se no seu dia a dia, nas relações cotidianas. Percebemos também que as crianças têm uma grande capacidade de concentração e que estão sempre muito atentas. Os jovens também prestam muita atenção ao que se fala nas rodas dos adultos e em seu próprio meio. Os momentos das conversas se constituem, para eles, em espaços de aprendizagem.

A relação dos ciganos e os processos de aprendizagem intraétnicos ocorrem desde a mais tenra idade. Nesse sentido, o primeiro contexto educativo identificado foi a relação mãe-filho(a). É da mãe que os filhos recebem os primeiros rudimentos de sua cultura, o idioma, obediência e respeito aos pais,

aos irmãos mais velhos e aos parentes. A criança também é apresentada pela mãe aos ritos e mitos. Mais adiante percebe-se que as questões de gênero passam a ser um fator determinante, que vai causar uma distinção na educação da menina e do menino cigano. À menina são ensinados as tarefas domésticas, os cuidados com os irmãos menores, a obediência ao futuro esposo, aos sogros e, principalmente, à sogra. Ela também poderá aprender com sua mãe a leitura da mão. Já o menino começará a ser conscientizado da necessidade de contribuir com a renda familiar por meio das atividades externas.

Nesse sentido, um dos principais dilemas que os ciganos enfrentam é que os contextos educativos intragrupo, por não lhes fornecerem os aportes suficientes, obriga-os a buscar essas ferramentas em outro lugar. É diante dessa necessidade que a escola se apresenta como o local onde estão alocados esses saberes. Para a família cigana de Palhoça, a ida dos ciganos à escola tem por objetivo que eles se apropriem de dois conhecimentos básicos: a leitura e o domínio das operações matemáticas básicas. Dos(as) meninos(as) e jovens que pertencem a essa família e os do seu grupo, todos estão fora da escola, e o nível de leitura e escrita é elementar. Os motivos disso são dois: primeiro, é que o menino em torno dos 10 para 11 anos começa a participar das viagens de negócios; segundo, a menina, na puberdade, é retirada da escola por questões culturais de gênero.

Ainda na relação com a escola, alguns ciganos enfrentam outro dilema.

É que, ao optarem pela sedentarização, alguns se veem na contingência de garantir seu sustento e de sua família por meio de outras atividades com as quais não está acostumado. No momento que ele percebe que não tem como sobreviver, passa a depender dos programas de transferência de renda. O dilema é que tais programas possuem condicionalidades, dentre as quais a principal é a frequência das crianças à escola. Esse elemento adquire complexidade quando confrontado com os elementos culturais já mencionados quanto à permanência de meninos e meninas ciganos na escola. Quanto a esse aspecto, não tivemos condições de análise pelo fato de essa família cigana de Palhoça não se encaixar nesse exemplo.

Sobre os valores que essa família atribui à escola, concluímos que reconhece a importância da escola; para eles a escola, da forma com está constituída, atende às suas necessidades. A única demanda que emerge das suas expectativas em relação a ela é que durante o curto espaço de tempo em que eles a frequentam, possam ser vistos como diferentes, mas não com indiferença.

Por fim, foi possível compreender, acompanhando o longo processo histórico dos ciganos, que foram as relações intragrupo que possibilitaram a sobrevivência dessa cultura e que, portanto, para eles é o que se configura como seu maior bem.

Éducation gitane: entre-lieux entre l'école et la communauté ethnique

Résumé

Le présent article prétend remarquer les perceptions et les interprétations résultantes de l'élaboration de la recherche "Éducation gitane: entre-lieux entre école et communauté ethnique" réalisée en 2006/2007. La recherche s'est développée à partir du but suivant: analyser les idées de l'éducation représentées par la communauté gitane Rom, qui habite la ville de Palhoça en Santa Catarina, Brésil, et quelles valeurs elles attribuent à l'école formelle et à communauté ethnique. Le travail prétend aussi démontrer le besoin des nouvelles recherches à partir de la constatation de la complexité qui touche les sujets en question et de la petite bibliographie existante.

Mots-clés: Gitane. Histoire. Éducation. École formelle. Communauté ethnique.

Referências

BRASIL. *Constituição* da República Federativa do Brasil de 1988.

_____. Ministério da Cultura, MINC. Secretaria da Diversidade, 2006.

_____. Ministerio do Meio Ambiente, MMA, 2004.

CHINA, José Bonifácio D'Oliveira. *Os ciganos do Brasil*: subsídios históricos ethnográficos e lingüísticos. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo, 1936.

FERREIRA, Márcia Ondina Vieira. *Fabricando a desigualdade*: escola e etnia cigana. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003. (Coleção Trabalhos acadêmico-ciêntíficos, série doutorado, 5).

FRASER, Angus. *Los gitanos*. Barcelona, Espanha: Ariel, 2005.

FUENTES, Venecer Gómez et al. *Los rom de Colômbia*: itinerário de um pueblo invisible. Santa Fé de Bogotá, Colômbia: MJ Editores, 2000.

MORAES, Mello Filho. 1843 ou 1919. *Os ciganos no Brasil e cancionero dos ciganos*. Posfácio Silvio Romero. Notas Luis da Câmara Cascudo, 1986.